

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 200 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 2200 " Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 " Numero avulso... 2000 "	N.º 54	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

EDUARDO COELHO

Diz o dictado que os mortos vão depressa, e é verdade, mas tambem o bom Hugo escreveu que se *elles são os invisiveis, não são, porém, os ausentes*, e não é menos certo.

Pois quem não traz por assim dizer consigo, e para todo o sempre entalhado na memoria, o perfil amado de alguém que muito amou ou de quem muito foi amado?

Pois quem ha ahí que não guarde uma doce palavra commovida e terna para relembrar o nome de algum ou de alguns dos que passaram na Terra, e n'ella deixaram deposta a semente de uma boa palavra, de um generoso acto, de uma civilisadora idéa?

Quem é que emfim não tem no cemiterio do coração ou do espirito os seus mortos queridos ou pelo menos respeitadas, e cujos nomes invocarão uma saudade eterna, feita de lagrimas, feita de bençãos, ou feita de gratidão?

Vão-se aluindo e perdendo todos os cultos n'este velho mundo cansado e indifferente, ruem os templos, e desmoronam-se os ideaes—mas um culto persiste ainda intangível e sagrado aos olhos mesmos d'aquelles que já não têm outro, um templo se ergue, e já agora se erguerá sempre, mantido pelo respeito e escorado pela communitade de todas as almas perante um idéntico destino, um ideal nos congrega a todos n'esta nossa mais ou menos dolorosa e incerta peregrinação pela Vida:—é o templo, é o culto, é o ideal da reparação, do respeito, do reconhecimento que todos devemos aos que d'aqui partiram para nunca mais tornar.

Isto explica por que, volvidos já tantos e tantos dias depois que esse bom homem que se chamou Eduardo Coelho de entre nós se sumiu, ha ainda um jornal que lhe invoca o nome e que lhe abendicoa a memoria.

Era-lhe devida esta homenagem, aqui, n'uma revista, que por occasião da sua morte não teve ensejo de prestar-lh'a. Era-lhe devida aqui, onde escreve quem lhe era duplamente confrade pela arte e pela penna. Quando os vivos tantas vezes nos desgostam ou nos laceram, é quasi consolador refugiarmo-nos na *morte* e fallarmos d'aquelles que ella levou.

Por isso aqui estamos agora, e se vimos tarde, o que é mau, ao menos não deixámos de vir,—o que seria peor.

* * *

Anda escripto o que foi Eduardo Coelho, como jornalista e como homem, e é, portanto, ocioso reproduzir agora o que tantos disseram e escreveram já.

Como homem, elle era bonissimo. Este superlativo, que o antigo director do *Diario de noticias* tanto se comprazia em usar, fallando de outros, pertenceu-lhe de direito por mais de um acto da sua vida, tão nobremente cheia de bellos pensamentos, de santas iniciativas e de generosas dedicacões.

Como jornalista, se porventura o seu jornal não fez quanto os exigentes reclamavam, fez melhor do que muitos d'esses nunca foram nem seriam capazes de realizar, e mais de uma idéa suggestiva e grande lhe deveu a força que a sancionou e o auxilio que a tornou real.

Poderia talvez o *Diario de noticias* haver conseguido *melhor*, certamente não haveria logrado *mais*. É uma das grandes justicas que lhe é devida é que nem um alvitre civilisador e fecundo, nem um ideal immaculado e grande lhe passou pela porta, que elle espontaneamente e entusiasticamente não corresse pressuroso a saudal-o, a recebel-o, a honral-o nas suas columnas, a dar-lhe o immenso, o poderoso, o incalculavel prestigio do seu concurso, da sua palavra e da sua publicidade.

Ora tudo isto foi a obra de Eduardo Coelho, e por tudo isto já elle mereceria ficar na historia, authenticado se não como um grande homem, pelo menos como um homem bom, como um dedicadissimo obreiro da civilisação e do trabalho, como um honesto e digno espirito, sinceramente devotado ao Bem, e constantemente disposto a propugnar por todos os principios que se lhe afiguravam progressivos...

Tal foi sempre Eduardo Coelho como jornalista, e nem precisava haver sido mais nada, para ganhar definitivamente jus á gratidão de todos nós.

Como homem de acção, e na esphera pratica da existencia, no conflicto vivo das idéas tornadas factos, o que elle fez por occasião do centenário de

Camões, do inquerito industrial, dos trabalhos preparatórios para a celebração da exposição do trabalho portuguez, que a final veio a realisar-se em 1888, e muito especialmente o que luctou pelo renascimento de toda a nossa industria e actividade, são títulos que fazem immarcescível essa gratidão, transformando-a em culto no coração e no espirito dos que, desprendidos das estreitas lindas das paixões e dos interesses, forçam por ver as cousas de mais alto.

Escriptor, não foi certamente um chefe de fila, não trouxe uma fôrma nova á sua arte, e não vinculo o nome a algumas d'essas obras que ficam depois no transcorrer das idades como flammulas de luz, alumiando os homens e o mundo, mas não foi tambem tão secundario como tantos quizeram julgá-lo, e em mais de uma publicação deixa trabalhos que não podem ser considerados inteiramente desvaliosos.



Eis o que precisavamos dizer d'aquelle que, alem de tudo, teve para nós o titulo sagrado de haver sido um apreciador amavel e um confrade bondoso, e que entre as virtudes que lhe esmaltavam o caracter, e como que lhe davam até uma lucida orientação ao espirito, possuiu esta sobre todas sympathica—nunca haver esquecido as custosas e difficis provações que o haviam apalpado, e ter procurado, sempre que pôde, evital-as a outrem.

Digam os seus intimos melhor do que isto, que nós, dizendo isto, estamos contentes de haver cumprido um grato dever de consciencia, e prestado ao homem bom e honesto que se chamou Eduardo Coelho o mais sincero preito que lhe deviamos.

Outros encreveram com mais sciencia, nenhum com mais consciencia, e tanto nos basta.

AFFONSO VARGAS.

SESSÃO SOLEMNE EM HOMENAGEM A EDUARDO COELHO

Foi déveras imponente a sessão especial, que, em 12 de janeiro ultimo, a associação typographica lisbonense e artes correlativas consagrou á memoria de Eduardo Coelho, seu antigo e inolvidavel consocio e presidente.

Para o fim designado, fôra amavelmente concedida a sala, em que está installado o museu da Imprensa Nacional. Esta sala, que é vastissima e elegante, achava-se vistosa e apropriadamente adornada, tendo ao topo o carro triumphal da Imprensa, sobrepujado por uma bella estatua de Gutenberg, que se estreára nas esplendidas festas do tricentenario do grande Luiz de Camões, e serviu depois nas do centenário do primeiro marquez de Pombal.

A hora indicada, reunido extraordinario numero de socios e convidados, o presidente, sr. Francisco Angelo d'Almeida Pereira e Sousa, a quem acompanhavam na mesa como secretarios os eximios typographos srs. José Antonio Dias Coelho e Julio Pereira Sande da Silva Coutinho, declarou aberta a sessão, convidando o ex.^{mo} filho de Eduardo Coelho, como representante da respeitavel familia do

chorado jornalista, a descerrar a cortina, que velava o seu retrato, pendente do pedestal da estatua do immortal patriarcha da Typographia.

Preenchida esta commovente formalidade, excellente orchestra executou a primor uma bella symphonia, terminada a qual o presidente Pereira e Sousa leu o seguinte discurso:

Senhores:—Pelo cargo que immerecidamente occupo, e devo, por certo, ainda mal, não aos proprios meritos, mas á extrema benevolencia dos meus co-associados, cumpre-me dirigir-vos em primeiro logar a palavra n'esta solemnidade que a Associação typographica lisbonense e artes correlativas hoje celebra como lh'o consente a exiguidade dos seus recursos, prestando assim sincera e respeitosa, embora, por circumstancias independentes da sua vontade, tardia homenagem á honrada e saudosissima memoria de Eduardo Coelho, que foi seu illustre presidente.

E confesso que nunca senti tanto, como agora fallecerem-me, como, de feito, fallecem todas as condições, que poderiam conciliar-me a attenção e merecer o applauso d'esta numerosa e tão brilhante e qualificada assembléa.

A consciencia do dever espero, porém, que me dará forças para me desempenhar da rude tarefa, senão condignamente, ao menos como o permitem as minhas limitadas facultades, e a necessidade de ser breve.

Todos que nos achâmos aqui reunidos conhecemos Eduardo Coelho, e podemos apreciar, mais ou menos directamente, as raras qualidades e talentos que o exornavam, dando-lhe jus não sômente á sympathia, como ao respeito e consideração dos seus concidadãos.

Entretanto, sem pretensões a esboçar a biographia do prestante cidadão e famoso jornalista, seja-me licito recordar-vos em traços geraes, o que foi Eduardo Coelho, e os principaes titulos, que tornaram a sua sympathica e poderosa personalidade querida dos contemporaneos, e, por sem duvida, digna da veneração dos vindouros.

Nascêra Eduardo Coelho em Coimbra a 23 de Abril de 1835, quando apenas havia mezes que era terminada a longa e sangrenta lucta civil, que precedeu o systema constitucional entre nós.

Escasseavam a seu pae, João Gaspar Coelho, artista honesto e caracter austero, que combatêra denodada e desinteressadamente pela causa liberal, os meios de proporcionar larga educação litteraria á numerosa prole.

Particpe das estreitezas do paterno lar, e anciando por adquirir conhecimentos e exercer a febril actividade em mais amplo theatro, que não lhe podia proporcionar a cidade universitaria, Eduardo Coelho em mui verdes annos veio para Lisboa, dedicando-se á profissão do commercio.

A breve trecho, como era natural, desgostou-se, e aprendendo a arte typographica, como compositor chegou a trabalhar em varias officinas, pertencendo tambem, por algum tempo, ao quadro da Imprensa Nacional.

Para a carreira das letras e do jornalismo o impellia, porém, irresistivelmente a feição proeminente do seu intellecto.

Estreando-se em 1854 no *Jardim litterario*, jornalzinho de que poucos hoje se lembram, Eduardo Coelho desde logo revelou apreciáveis dotes de escriptor, que depois se robusteceram e affirmaram em outras obras e publicações de maior tomo.

Dedicou-se tambem a escrever para o theatro; foi correspondente, redactor ou collaborador de diferentes jornaes, e por fim entrou para a redacção da *Revolução de Setembro*, que tinha então, e teve muitos annos, por director politico e redactor em chefe esse verdadeiro athleta do journalismo, que se chamava Antonio Rodrigues Sampaio.

Eram, todavia, de todo o ponto insufficientes ainda para acudir ás primeiras e mais urgentes necessidades os proventos, que Eduardo Coelho auferia do seu indefesso labor.

Podem imaginar-se as agruras, os desalentos, as miserias, as privações, que deviam cruelmente conturbar o espirito do nosso amigo. A lucta que emprehendera fóra uma lucta gigantea, e acaso, não saíria d'ella triumphante se não tivesse encontrado uma companheira dedicada, como foi sempre a esposa querida, a mãe amantissima de seus filhos.

Em 1865 conseguia, emfim, com a cooperação intelligente, e, devemos dizel-o, arrojada, do sr. Thomaz Quintino Antunes, actualmente visconde de S. Marçal, vencidas innumeradas difficuldades, realisar o sonho de toda a sua vida, a fundação de uma folha periodica, que, estranha absolutamente aos interesses mesquinhos e ás paixões dos partidos e corrilhos, interessasse as classes populares na leitura, proporcionando-lhes um novo e poderoso elemento de instrução.

Essa folha, que muitos affectam desdenhar, mas todos lêem com interesse, é o *Diario de noticias*.

Começou então para Eduardo Coelho uma nova era. A fortuna, que até essa epocha se lhe mostrára adversa, sorriu-lhe propicia; o povo sancionou com a mais ampla acceitação o plano que concebêra, e o *Diario de noticias* attingiu, e tem sustentado, apesar da concorrência, nem sempre leal, de outras folhas, vasadas em molde semelhante, uma circulação verdadeiramente extraordinaria e desconhecida no nosso meio.

O segredo da immensa popularidade do *Diario de noticias*, que foi o segredo da popularidade de Eduardo Coelho, revelam-no estes trechos, que copiamos de artigos publicados em conceituadas folhas, por occasião do passamento do mallogrado jornalista:

«Morreu, mas a sua obra ficou, escreve o *Imparcial*. E ficou desentranhando-se em magníficos frutos, a idéa abençoada da vulgarisação da leitura, do derramamento da instrução, da evangelisação dos bons principios, por meio do jornal barato, da folha volante, em que tantissimas vezes vae a apollo do bem, a exprobação do condemnavel, o apollo em favor da miseria e da desgraça.

«Se para muitos, dos que vivem dos asperos labores da vida, foi repetidas vezes luz e conselho, e conselho e ensinamento dados modesta e despretenhiosamente nas columnas de uma publicação, que a

todas as classes aproveitava, tambem para muitos desgraçados, a quem o infortunio dilacerava e a fome inspirava allucinações e desesperos horribes, foi, não menor numero de vezes, esperanza, conforto e allivio esse jornal, por meio do qual a caridade se exercia, e que indicando o soffrimento e as lagrimas, despertava a compaixão, a piedade, os sentimentos philanthropicos e altruistas, dos que são sensiveis ás dores dos seus semelhantes.»

«Esta phrase:—está de lucto a imprensa portugueza, diz a *Tarde*—nunca até aqui teve tanta razão de ser, no desaparecimento d'este ou d'aquelle illustre jornalista, nunca mais será, com tanta razão, empregada; porque Eduardo Coelho creou o jornal mais portuguez, que ha no nosso paiz, e creou-o n'um tempo em que a *reportage* ainda não tinha sido importada, n'uma epocha em que as folhas eram apenas órgãos doutrinarios d'esta ou d'aquelle facção. O jornal popular deve-se a Eduardo Coelho, como o jornal litterario se deve a Teixeira de Vasconcellos.»

«A grande obra de Eduardo Coelho, lê-se no *Correio de noticias*, é hoje attestada pela divulgação do jornal barato que elle emprehendeu, arrostando com todas as difficuldades, e conseguindo radicar essa instituição nobilissima no espirito do povo, assegurando-lhe ao mesmo tempo vida e existencia independentes.

«E esse o seu titulo immorredouro de gloria, o que o torna crédor da gratidão geral, de presentes e vindouros e da grande familia popular, a quem o mallogrado jornalista dedicou o melhor do seu tempo, do seu trabalho e da sua intelligencia.»

«Poucos homens, na verdade, confessa o *Jornal do commercio*, têm prestado tão relevantes serviços ao paiz como os que se devem a Eduardo Coelho; não houve, desde ha vinte e cinco annos, que conta o *Diario de noticias*, uma idéa generosa, que o seu redactor principal não defendesse e divulgasse; todos os melhoramentos verdadeiramente uteis, tudo o que podia contribuir para o engrandecimento do paiz, que o vira nascer, encontraram n'elle um campeão esforçado e um apollo entusiastico, e muitos d'esses melhoramentos, que hoje disfructamos, se devem á sua poderosa iniciativa.»

«Foi Eduardo Coelho, escreve o sr. Alfredo Ribeiro no *Pimpão*, indiscutivelmente, o homem que prestou maiores serviços ao derramamento da instrução, que iniciou as camadas populares no conhecimento dos negocios publicos, que lhes deu noções scientificas, que, com o seu jornal as desembarçou no soletrar, e as ensinou a ler por cima, como antigamente se dizia.

«Tinha sem a consciencia de sua obra aquelle luctador animoso, em quem a propria doenca não conseguiu aniquillar o amor ao trabalho. Desvanecia-se, com razão, pela sua popularidade, que conquistára dia a dia, e ainda ha pouco, já bem dotado de fortuna, trabalhava pela sua obra com tanto affinco e entranhada dedicação como nos tempos em que precisava de ganhar o escasso pão quotidiano.

«Duas qualidades sobrelevavam em Eduardo Coelho: a sensatez do espirito e a bondade de caracter. «São vulgares os talentos, são numerosas as aptidões; mas por cem engenhos privilegiados para as

letras, para as sciencias, para as artes, não se encontra um homem que não fluctue á mercê da primeira phantasia, que se não deixe arrastar pelos fogos fatuos da sua propria imaginação, que trace um plano de vida, e que o siga, que entreveja um ideal justo, e se encaminhe para elle sem hesitações e sem fraquezas.

«Pela rara sensatez de que deu provas, Eduardo Coelho era o homem predestinado para fundar o jornal noticioso, com côr politica, que acompanhasse o movimento social, sem o empurrar nem lhe tomar o passo, que seguisse as indicações da opinião publica, e muitas vezes as encaminhasse para o bem. Muitos houve, que pensaram na fundação do jornal noticioso, e ao verem a prosperiedade do *Diário de noticias* ainda hoje pensam, que lhes caberia igual fortuna se tivessem realisado a sua idéa. Puro engano.

«A idéa era o menos, a perseverança, o tacto, a prudencia para a realisar e manter sem alteração era o essencial, e para isso nem todos teriam as condições de espirito de Eduardo Coelho. Não foi elle de certo o primeiro jornalista, mas foi o primeiro director de jornal, o mais profundo conhecedor, o mais hábil timoneiro nos mares da opinião publica.»

E ocioso multiplicar os excerptos.

O grandioso exito do *Diário de noticias*, em que puzera toda a alma, toda a energia de que era capaz, importára, todavia, para Eduardo Coelho um sobrehumano esforço. A sua robustez physica não pôde resistir á enorme cansaera a que se votára para attingir o sonhado e formoso ideal; e a 14 de maio do anno findo o grande luctador, apoz longos padecimentos, caía, a final, prostrado e examine, empunhando ainda a penna com que conquistára legitima fama, e conseguira assegurar o futuro da familia que estremecia!

Foi unanime a imprensa na expressão sentida da profunda magua, que a todos causára a perda de Eduardo Coelho. Os artigos que todas as folhas do paiz e muitas do estrangeiro consagraram ao inolvidavel jornalista constituem-lhe o maior titulo de gloria. O seu funeral foi quasi uma apothose, para que concorreram sem discrepancia todas as classes sociaes, desde as mais elevadas até ás mais humildes.

Senhores: Jornalista, Eduardo Coelho foi o que já dissemos, e ninguém por certo pôde contestar.

Escriptor correcto e conceituoso, na longa lista de seus trabalhos litterarios não se encontra um só, que não tenha um intuito honestissimo, moralisador ou de vulgarisação util e proveitosa.

Cidadão, prestou ao paiz, alem dos serviços que ficam indicados como jornalista, e foram relevantissimos, outros, por igual, importantes no desempenho de algumas commissões de serviço publico, e basta-nos apontar o ultimo inquerito industrial, em que Eduardo Coelho, como sempre se affirmou estremo propugnador dos interesses do trabalho portugeuz.

Patriota entusiasta, nunca lhe esmoreceu a fé nos altos destinos da nossa generosa raça, e foi um dos mais energeticos fautores das brilhantissimas festas do grande jubileo nacional — o tricentenário do sublime cantor das nossas glorias.

O principio associativo teve sempre em o nosso chorado amigo um intelligentissimo e intemerato defensor e evangelizador tambem. A Associação typographica lisbonense e artes correlativas, e muitas outras associações, a que pertencia e todas lhe deviam incitamentos e protecção, são de simillantes sentimentos eloquentes e insuspeito testemunho.

Democrata sincero e convicto, Eduardo Coelho poz sempre a sua intelligencia de eleição e o seu esforço inabalavel ao serviço da liberdade, do trabalho e do progresso nas suas variadas manifestações.

Caracter levantado e bonissimo, e tão amavel que a todos captivava, Eduardo Coelho repartia os extremos dos seus affectos entre o culto da patria e o da familia, que igualmente o idolatrava.

Não devo abusar por mais tempo da vossa complacencia; e por isso vou terminar agradecendo-vos primeiro, muito reconhecido, o favor, que me dispensastes, dignando-vos escutar este pobre trabalho.

Crê a associação typographica lisbonense e artes correlativas ter satisfeito um compromisso de honra, consagrando a presente sessão á glorificação de Eduardo Coelho. É o derradeiro preto de inextinguivel saudade devido áquelle cujas virtudes, merecimentos e serviços constituirão sempre um nobilissimo exemplo, e cuja memoria nunca será olvidada pelos collegas, admiradores e amigos. Disse.

Fez em seguida uso da palavra o sr. Brito Aranha, pedindo em primeiro lugar, desculpa á assembléa da não comparencia do sr. visconde de S. Marçal, que se lhe relevassem as suas faltas ás sessões da associação, a que tanto se honrava de pertencer, motivadas pelos seus muitos trabalhos e estudos.

Como chefe da redacção do *Diário de noticias*, agradeceu a honra, que a associação typographica prestava á memoria do seu antigo chefe e amigo. Fez ainda varias e muito eruditas considerações; e congratulando-se por ter pertencido á classe typographica, que julgava ser das mais prestimosas, terminou por um entusiastico — viva — á associação typographica lisbonense.

Em um formoso improviso, o sr. João José de Sousa Telles, cujos dotes oratorios são assaz conhecidos e mui lisonjeiramente apreciados, enalteceu as virtudes de Eduardo Coelho, principalmente como chefe de familia e como cidadão.

Fallaram ainda os srs. Gomes da Silva, que com a extraordinaria fluencia e elegancia, que lhe são peculiares, em brilhantissimo improviso tambem, indicou os relevantes serviços pelo fallecido fundador e director do *Diário de noticias* prestados ao jornalismo e á instrucção popular, da qual fora um dos mais ardentes defensores; Antonio Joaquim de Oliveira, honrado e illustre propugnador dos principios associativos, citando em phrases correctas e despretençosas, factos de gratissima memoria, abonadores da nobreza de caracter de Eduardo Coelho; e Eugenio da Silveira, que com muito vigor e colorido de linguagem explanou a missão do prestantissimo escriptor no moderno jornalismo.

O sr. José Antonio Dias, como o sr. Oliveira, dos mais sinceros e devotados apóstolos da associa-

ção, depois de algumas conceituosas phrases em que acompanhou condignamente todos os demais oradores no preito de homenagem a Eduardo Coelho, leu o que segue:

Um dos primeiros artigos que este nosso malgrado collega e dilecto amigo escreveu para a imprensa operaria foi o que se lê n'uma folha para que, em tempo, alguma cousa tambem escrevemos¹. N'esse artigo manifestou logo Eduardo Coelho o seu admiravel talento, a sua grande vocação para as lides do trabalho, o seu nunca desmentido character, bondoso, leal, probo.

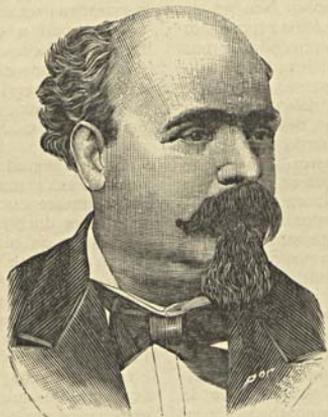
Rememoremos, pois, n'este logar o primoroso fructo d'aquella já robusta intelligencia ao florir da vida. Juntemos tambem a nossa saudade á vastissima corôa de merecida homenagem prestada geralmente em memoria do jornalista convicto, do benemerito concidadão, que perfeitamente comprehendeu e correctamente observou a expressão popular: *Cresce para seres homem*, homem honrado e virtuoso, util a si e á sociedade!

TRABALHO E OCIO

De todos os males que entorpecem as sociedades a ociosidade é sem duvida aquella que derrama mais estrago. O homem é por sua natureza inclinado á inercia, a esse aborrecimento enfadonho que lhe põe um dique ás aspirações do espirito, e ás torrentes da imaginação, que lhe cerra o coração á virtude, que o impelle para o vicio; se, porventura, nasceu entre thesouros, cercado de luxo e opulencia, não reconhece a necessidade de trabalhar, e, quando toca a idade de entrar na vida social, se não encontra uma voz amiga que lhe inspire as maximas do trabalho, habitua-se á indolencia do vicio, sacrificando todos os seus haveres á satisfação dos appetites do corpo, dos caprichos da imaginação; e assim transita na vida sem lhe conhecer o goso, porque desde que começou a desejar não encontrou impossibilidades, e por isso, o que para alguns seria uma rara fortuna, para elle não passa de uma insignificante trivialidade. Não teve esperanças, porque não sentiu aspirações, passou a vida n'um detestavel embrutecimento, e morreu macerado por mil soffrimentos, e quem sabe se consumidas as ephemerhas riquezas, rodeado de miseria, coberto de fome e de opprobrio!

Aquelle, porém, que viu a luz da vida através das estreitas gelosias de um mesquinho tugurio, entra na sociedade já disposto a seguir a missão do traba-

lho, porque desde que soube articular as primeiras palavras, ouviu a affectuosa voz da pobre mãe bradar-lhe a tão vulgar expressão da gente do povo: *Cresce e trabalha para seres homem*, homem honrado e virtuoso, util a si e á sociedade! Em seu peito sente logo inveterar-se o amor pelo trabalho, innumeras esperanças lhe douram os sonhos da existencia, e cheio de ardor elle vota os seus mais intimos affectos a uma vida laboriosa, mas alegre e semeada de prazeres. Entrae n'uma officina, e ahi o vereis trabalhando com avidéz, sempre risonho e satisfeito, entoando de quando em quando uma canção harmoniosa que acompanha o bater do martello ou o bulhoso rastejar da serra. Se algum leve pezar lhe adeja na alma, uma nova esperança o repelle: esse homem gosa, porque o trabalho ennobrece-o e conforta-o. Quanto não são deliciosas essas horas em que elle repousa de suas fadigas, enlaçado nos carinhos e bênçãos das pessoas que lhe são queridas! Deita-se



no seu humilde leito para dormir um somno tranquillo, e se alguma cousa pôde despertal-o é o cuidado da hora em que deve recommear as suas lides. Para elle a aurora nasce sempre radiante de felicidade, o meio dia sóa sempre harmonioso e suave, e o pôr do sol reflecte de alegria e esperança; ao passo que o ocioso não differença a aurora do meio dia ou do pôr do sol, porque o seu horizonte está sempre obscurecido por opacas nuvens, carregadas de soporiferos e inertes vapores. Aquella a pobreza e o trabalho tornam-lhe a vida uma eterna e florida primavera, cheia de risonhas inspirações; a este a ociosidade e a riqueza apenas offerecem um tempestuoso e desconsolado inverno, cheio de desolação, tristeza e soffrimento!—*J. E. Coelho.*

Depois do sr. Dias, tomou a palavra o sr. Julio Sande, secretario da mesa, lendo este breve mas mui interessante discurso:

Senhores:—A minha constante convivencia, durante alguns annos, com o illustre jornalista, e o affavel acolhimento que aliás sempre me dispensou, são motivos mais que sufficientes, não só a captivarem, e muito, o meu animo agradecido, mas tambem, e como cumprimento d'um dever, a compellirem-me a proferir algumas palavras, só e unicamente como preito á sua memoria, que não para encarecimento do seu prestigioso nome, pois esse já bem guindado o foi, em rendilhadas phrases e com primores de estylo, pelos mais eminentes e conspicuos escriptores tanto nacionaes como estrangeiros.

De certo bem presentes estarão na vossa lembrança as tres memoraveis palavras de que se serviu o grande Cesar, ao informar o senado romano da rapidez de uma das suas victorias, palavras que,

¹ «A Federação», folha industrial dedicada ás classes operarias—n.º 36, julho de 1857.

pelo seu notavel laconismo e especial significação, passaram ao dominio da historia. Pois, senhores, taes palavras excellente applicação têm ao nosso mallogrado amigo! Eduardo Coelho *chegou, viu, venceu*. E quem, no breve lapso de tempo qual foi o da sua ephemera existencia, lidou mais e mais proveitosamente! Disse o insigne Vieira, n'um dos seus inspirados e primorosos panegyricos que «*não está a felicidade em viver muito, senão em viver bem*», e foi precisamente o que succedeu com Eduardo Coelho; vivendo pouco, não podia de certo viver melhor!

Ao passo que os grandes capitães, e n'isso ainda poderiamos citar o celebre dictador romano, ao empunharem o gladio, conquistam por meio d'elle a consequente gloria, ainda que muitas vezes á custa de milhares de vidas, o nosso consocio, manejando a penna com a mais inquebrantavel firmeza, e sempre em prol das prerogativas sociaes, baseou os seus titulos de gloria no suave e dulcissimo amor dos seus concidadãos, com os quaes se identificou, e que tambem, a seu turno, lhe dedicaram a maior estima, aliás bem evidenciada por occasião do seu passamento, quando a sua voz persuasiva emmudecia para sempre, e tão luminoso espirito se sumia nos eternos páramos do ignoto!

Achando-nos hoje aqui solemnemente reunidos, e dedicadamente acompanhados pelos dignissimos cavalheiros, que nos vieram prestar o seu valioso concurso, nada parece faltar para a completa realisação d'esta homenagem; porém, a exemplo do que disse o erudito orador francez, o grande Bossuet, em um dos seus mais abalados discursos, diremos nós tambem: «*Nada falta em todas estas honras senão aquelle a quem ellas são prestadas*». Esse, jamais aqui o teremos a confortar-nos com o seu espirito conciliador, a auxiliá-los com as suas vistas elevadissimas, a amparar-nos com os portentosos recursos da sua comprovada intelligencia.

O que ainda, comtudo, poderá suavisar a nossa incommensuravel saudade e lisonjear o nosso atribulado espirito, é o sabermos que tão nobre caracter, tão illustre individualidade e tão fulgurante talento, pertenceu a este nosso gremio, foi nosso dedicado consocio, nosso commum e leal amigo. E que o foi, demonstrou-o elle e bem por varias occasiões, e mesmo aqui verbalmente o corroborou, ao pronunciar as seguintes conceituosas palavras: «*Esta associação sabe quanto eu a estimo e considero, quanto me honro de ser seu filho e seu associado. Não o digo por affectação democratica, embora eu seja democrat por tradição e natureza*».

A saudosa memoria, pois, de tão dilecto consocio, conservar-se-ha indelevelmente gravada no nosso espirito, e o seu refulgente nome ficará registado em letras de ouro nos annaes d'esta corporação, ou melhor diremos, nos annaes da humanidade. Disse.

Findos estes discursos, que foram todos ouvidos com muito agrado e saudados com salvas de palmas, o sr. Eduardo Coelho, extremamente commovido, agradeceu, em seu nome e no de sua familia, as provas de sympathia, que ali tinham sido dadas á grata e saudosa memoria do seu bondoso e chorado pae, o qual lhe ensinára a amar e respeitar a classe typographica, que havia sido a sua primeira familia.

Leu-se na mesa a notabilissima carta dirigida ao presidente, pelo sr. visconde de Melicio, presidente da associação industrial portugueza e socio honorario da associação typographica lisbonense, a proposito da homenagem a Eduardo Coelho. Aqui a deixámos registrada.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Só por absoluta impossibilidade, proveniente de doenca que dura ha mais de quinze dias, é que não compareço hoje á festa da patriótica e benemerita associação typographica lisbonense e artes correlativas, e em que ella, seguindo as suas gloriosas tradições, exalta a memoria honrada de um dos seus mais esclarecidos socios, e presidentes, o meu mallogrado amigo e illustre collega, Eduardo Coelho.

E sinceramente lamento essa impossibilidade, porque me priva do prazer de tomar parte na homenagem prestada pelos meus respeitaveis consocios á memoria de um dos mais honestos e laboriosos obreiros que a nossa geração contou entre os mais intelligentes, mais activos e mais prestimosos.

Bem é realmente, que o retrato de tão util e presadio cidadão seja collocado na sala das nossas sessões, não porque isso seja preciso para nos avivar a sua lembrança, que a nossa saudade constantemente nos traz presente á memoria e ao coração, mas para que as futuras gerações vejam n'este preito o modo por que tão illustrada associação considerou o homem que com a sua insistente e luminosa propaganda mais serviços prestou ao paiz em geral e especialmente ás classes operarias e menos favorecidas de fortuna, fundado motivo com que v. ex.^a e seus dignos collegas da mesa da assembléa geral justificam o convite que dirigem a todos os seus consocios e ainda aquelles que o não sendo desejarem acompanhá-la n'esta piedosa homenagem.

Ainda n'esta homenagem ha outra lição proveitosa, que convem registar, porque ella faz o elogio do elevado criterio dos illustrados corpos gerentes d'essa associação; é que para se alcançar distincções d'este vulto é preciso deixar uma memoria honrada e saudosa, o que só se conquista, por uma vida toda de trabalho e de probidade, de respeito por todos os direitos, de sympathia por tudo quanto é grande, bom e generoso, de tolerancia para com todas as opiniões, de amor pela familia e de cuidados pela educação e pelo futuro dos filhos, de cordialidade para com todas as classe, de desprendimento e de abnegação por todos os interesses publicos, e sempre, em todos os actos, de entranhado, ardente e acrisolado patriotismo. Tal foi a existencia de Eduardo Coelho, e essa associação proclamando-o como o faz com tanto apparato e tanto luzimento, cria um estimulo para os que começam hoje na lucta pela vida, e para os que vierem depois de nós proseguir na nossa faina civilisadora e humanitaria de pôr toda a actividade e todos os recursos ao serviço de uma nobre causa e de uma grandiosa obra.

Ninguém melhor do que Eduardo Coelho provou o que podem a força da vontade e o sentimento innato da honra e da devoção civica, porque ninguém com menos elementos e menos apoio subiu tão alto, e deixou nome tão popular e tão bemquisto, inestimavel herança que elle legou a seus filhos. Se a

classe operaria portugueza não contasse já tantos e tão benemeritos representantes, bastaria Eduardo Coelho para a exaltar e a engrandecer, e para o seu exemplo fortalecer muitas crenças sinceras e animar muitas aspirações generosas.

Não é meu intento fazer aqui o elogio de cidadão tão notavel, tarefa, que melhor desempenhará esse numeroso grupo de amigos do finado illustre, mais feliz do que eu por poder comparecer ao acto da inauguração do seu retrato; apenas pretendo explicar a v. ex.^a o motivo da minha ausencia, pedindo-lhe se digne apresental-o com as minhas desculpas e com o meu pezar á assembléa tão sympathica e tão illustrada, como a que v. ex.^a preside. Acompanharei com o coração todas as manifestações de respeito, de consideração e de estima que forem dadas á memoria d'aquelle que não esquecerei nunca, porque tenho culto pela amizade, e sou fiel aos que cáem e que eu ameí, quer a adversidade os deponha do fastigio, quer a morte os arrebate ao nosso affecto e á nossa admiração.

Eduardo Coelho é d'estes ultimos, e a sua memoria será sempre para mim saudosa e respeitada.

Pelo estado da minha saude e pelo apertado de tempo não me foi possível convocar a direcção da associação industrial portugueza para lhe propor que se fizesse representar n'essa sessão solemne; mas não havendo, tanto na direcção como em toda a associação, senão amigos e admiradores de Eduardo Coelho, que foi tambem nosso associado muito esclarecido e muito dedicado, posso afoutamente affiançar a v. ex.^a, e faço-o até com orgulho, que a corporação a que tenho a honra de presidir se associa de bom grado e inteiramente á homenagem prestada pela associação typographica lisboense e artes correlativas á memoria de um dos mais ardentes apóstolos e dos mais denodados defensores do trabalho nacional.—*Visconde de Melico.*

A orchestra executou em seguida uma bonita peça musical; e sendo mais de quatro horas da tarde, o presidente encerrou a sessão, terminando assim esta solemnnidade, para cujo brillantismo diversos socios cooperaram, mas principalmente concorreram os energicos esforços do sr. Venancio Serrão, seu principal iniciador e promotor.

O VISCONDE DE BENALCANFÔR

(Ricardo Augusto Pereira Guimarães)

Datam dos estudos por elle emprehendedos na Torre do Tombo, para a composição de um trabalho historico sobre uma antiga familia illustre, as minhas relações com o vigoroso colorista das *Realidades e Phantasias, Na Italia, De Lisboa ao Cairo*, e de tantas outras paginas finamente observadas, delicadamente sentidas, e suggestivamente realisadas.

Temperamento completissimo de meridional; imaginação inalteravelmente juvenil e ardente; homem do mundo,—os seus trabalhos favoritos eram aquelles em que a phantasia, operando livremente, filigranava esses periodos imaginosos, vivissimos de cor e profusamente ornados, que são tão característicos do seu estylo,—ou em que, procurando na sua pa-

leta de paizagista, largamente provida de tons quentes, e batida em cheio pelo nosso victorioso sol peninsular, a traducção exacta das emoções, que no seu organismo vibratil de artista haviam ferido os variados aspectos da realidade, observados em repetidas viagens,—elle despertava no leitor um largo effeito emotivo e suggestivo.

Quando, ás vezes, tentava a reconstituição historica, eram quasi sempre os tempos faustosos da Renascença, que o prendiam.

E isto é perfeitamente logico.

Epoca sensual e artistica, inebriante e grandiosa, o Renascimento estonteia-nos ainda com o fausto incomparavel das côrtes e da Egreja; deslumbranos com o talento quasi divino dos artistas, com a preocupação dominadora da Arte, que trazia todos como n'uma constante embriaguez deliciosa. Uma epoca assim devia, com effeito, enamorar um espirito como o seu, e quando não fosse embeber-se da alegria penetrante das vastas campinas mergulhadas em luz, ver scintillar, n'um triumpho, o alvissimo caio das paredes em povoações campesinas, ou demorar sonhadoramente a vista em largas enseadas tranquillas, onde embarcações balouçassem ao de leve, similhando no encontro de mastros e cabos,—negros ao longe,—uma floresta despida pelo inverno,—era perfeitamente natural que Benalcanfôr se deixasse prender e fascinar pelas scenas e pelos personagens da Renascença, tão intensas de Arte e de fausto, de sensualidade e de idealismo.

Um dia, porém, levado por um capricho, empreheu corajosamente um fadigoso trabalho genealogico, matizado, ainda assim, de alguns capitulos descriptivos,—aspectos do Alemtejo, fixados n'aquelle seu estylo tão rico, tão poderoso, tão colorista.

Foi então que entre esse delicado cinzelador da palavra escripta e a pessoa que hoje lhe consagra estas linhas,—uma saudade crystallisada na forma d'Arte que elle mais amou,—se firmaram relações, que em breve se converteram n'um gratissimo convívio litterario.

Não consentiu a morte que o visconde de Benalcanfôr completasse a monographia historica de que tenho fallado; mas se um dia algum viesse a concluil-a, quereria eu escrever algumas palavras na ultima folha d'essa derradeira obra, como Ricardo Guimarães quiz traçar as primeiras paginas do meu livro inicial.

Aqui fica, no emtanto,—perpetuada na palavra impressa,—esta singelissima homenagem, que nada vale pela forma que reveste, que vale muito,—ousado dizel-o,—pelo sentimento que representa.

JOSÉ PESSANHA.

ALFREDO CARVALHAES

É quasi um *campo santo* o nosso numero de hoje, mas os leitores que nos relevem, que nós temos de prestar esta derradeira homenagem á memoria dos que a morte levou.

Alfredo Carvalhaes pertence a estes.

Nasceu, soffreu, morreu.

Poeta, teria tido para muitos a invejavel qualidade de não ignorar a divina linguagem alada do Ideal e do Mysterio, e haveria sentido quiçá uma ou ou-

tra fugidia e momentanea alegria, quando no soberano mundo das formas conseguisse achar aquella dentro da qual vasasse o seu pensamento revolto.

Sonhador, é bem possivel que lhe fosse dado a instantes esquecer o mundo e as suas tristes e dolorosas realidades, e ser feliz, plenamente feliz, pairando enlevado nas aereas regiões azues da Phantasia e da Chimera.

Homem, porém, soffreu como só soffrem aquelles que têm uma alma que procura o incoercivel e se nutre do vago, e não o pouparam as cruciantes agônias sem nome, as amargosas macerações incalculaveis que envenenam na vida todos os que ingenuamente lhe pedem mais do que ella pôde dar-lhes.

Quaesquer que hajam, pois, sido as suas loucuras, elle deve ser para nós o que um louco é ainda hoje para os arabes—um doente sagrado, e nós, os que o comprehendemos e que lhe admiramos as primorosas crystallisações do espirito, nós devemos despertar no coração dos indifferentes que passam um *momento* ao menos para este artista tão superior e tão humano, para quem a Dor como a Poesia não tiveram segredos, e em cuja fronte o Destino imprimiu rudemente o cunho ao mesmo tempo invejavel e fatal dos condemnados e dos eleitos.

Dorme, pois, em paz querido poeta infeliz; dorme em paz, porventura o teu primeiro somno socegado e descuidoso, que quaesquer que hajam sido as maculas que ennooassem o teu *invólucro terreno*, a tua alma, sideral e branca como a alma de todos os que no mundo symbolisam a religião do Ideal, porque foi purificada pelo soffrimento, eleva-se n'uma espiral de luz aos olhos de todos nós, e no céu eterno da arte mais uma pequenina estrella surge e lucilla...

AFFONSO VARGAS.

Uma perola ao acaso:

DURANTE A VIGILIA

Esta fragil parede que eu devoro
(Fragil, mas forte como um muro antigo...)
Rouba-me assim sinistra o seio amigo
Do unico ser que n'este mundo adoro...

Debalde apalpo e sondo, embalde imploro
Solemne e muda como espectro antigo,
Mais espessa se torna, se consigo
Amortecel-a um pouco com meu choro...

E lembrar-me eu que dentro, enquanto eu gasto
N'este combate a vida—quasi exhausta
Repousa ella feliz, talvez sonhando!

Talvez... e eu dando a minhas maguas pasto,
Maldigo aquelle instante miserando
Em que nasceu esta paixão infausta...

ALFREDO CARVALHARES.

LIVROS RECEBIDOS

O conhecido e consciencioso publicista Seabra de Albuquerque acaba de publicar uma interessante monographia *O laço da nação portugueza*, onde dillicida com clareza este ponto, e mostra que as cores azul

e branca foram, e têm sido, as cores nacionaes, tirante um outro raro e breve hiato.

O novo trabalho do paciente investigador, com o ser de curtas dimensões, não deixa de ter valor e importancia, o valor e a importancia que o assumpto em si tem e que o sr. Seabra de Albuquerque nitidamente faz resaltar.

Agradecemos o exemplar com que s. ex.^a nos mimoseou, e pedimos desculpa de só agora mencionarmos a recepção d'elle.

Quem não conhece Prosper Mérimée? E quem não tem lido a *Carmen*, ou ao menos ouvido fallar d'este curiosissimo livro do eminente escriptor francez?

A historia dos amores d'essa bohemian tentadora e perigosa com um *payllo*, que de honesto recrutada ella metamorphoseou em contrabandista e saltador, o temivel D. José Navarro, é contada pelo original artista com uma côr local e com um cunho incisivo de verdadeiro artista, e por isso a *Carmen* é hoje, no conceito de todos, uma pequenina obra prima que até já teve o merito de inspirar outra obra prima em musica — a *Carmen* de Bizet — «aquelle grande musico que esteve entre os seus, e que os seus não conheceram».

E da traducção d'essa obra que recebemos um exemplar com que o traductor quiz deliciar-nos.

E dizemos deliciar-nos, porque poucas vezes temos lido traducções feitas com mais amor, com mais esmero e com mais elegancia.

Marianno Level, um medico e ao mesmo tempo um artista, empregou no trabalho a que se dedicou toda a consciencia de verdadeiro apaixonado pelas coisas de arte, e a sua traducção é primorosa—sem favor.

Completa o volume, que é da collecção Antonio Maria Pereira, um outro conto de Merimée, *A senhora de Chaverny* que não nos lembra havermos lido nunca no original, mas que na versão portugueza conserva as qualidades determinantes e caracteristicas do auctor da *Colomba*, prova de como Level se penetrou do estylo do escriptor, e como soube *transportal-o* para a nossa lingua, n'uma fôrma tão nitida e tão correcta; ahí está, pois, um volume que aconselhâmos vivamente aos que amam os finos acepipes litterarios, convencidos que elles nos hão de ser gratos, como nós o somos ao nosso querido Level, por nos ter proporcionado o gozo de renovar impressões adormecidas.

A *TRAIÇÃO*, poema por *Lourenço Marques*, pseudonymo de um escriptor, que já aqui mesmo nos deu a honra da sua collaboração.

É um trabalho feito de um folego, com alguns punhados de versos primorosamente feitos e candentes de indignação, e que têm o merito de até fazer esquecer outros, que, alem de fracos, não são de excessivo bom gosto, mas que têm a sua attenuante na pressa com que foram escriptos.

Um forte aperto de mão ao auctor que tem talento para ainda muito mais, e que não deve deixar adormentar-se.

VIAJOS.